



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

UC: Media e Culturas Contemporâneas

Recensão Crítica:

Mudanças e Adaptações no Processo e Ensino Jornalísticos



2º ano da licenciatura em Ciências da Comunicação

Ano Letivo 2017/2018

Sofia Moreira
A80723
Braga, 19 de abril, 2018

Goodman, R. S. & Steyn, E. (2017). "Global Journalism Education In the 21st Century, Challenges and Innovation". *Knight Center for Journalism in the Americas, University of Texas at Austin*, pp. 409-428.

Resumos do capítulo do livro em análise:

O livro em apreciação nesta recensão crítica, "Global Journalism Education In the 21st Century, Challenges and Innovation", foi editado por Robyn S. Goodman e Elanie Steyn, no ano de 2017, na Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos da América. A secção em análise é o 19º capítulo, integrante da Parte 3 do livro em questão: "Reconsidering News Production: How Understanding the Interplay of Actors, Actants, and Audiences Can Improve Journalism Education", de Oscar Westlund e Seth C. Lewis.

No capítulo específico, mencionado acima, os autores contemplam a rápida evolução da produção, distribuição e consumo da informação noticiosa. Esta mudança deve-se, em grande parte, ao aparecimento da media digital, tal como à crescente competitividade entre as diversas indústrias noticiosas que lutam pela atenção dos públicos e pela sobrevivência financeira cada vez mais difícil de atingir neste mercado. A explosão do digital trouxe inúmeras vantagens e desvantagens, sendo que, neste último parâmetro, os pontos negativos existem, na sua maioria, devido à falta de tempo existente para uma adaptação rápida e imediata por parte dos profissionais à mudança.

Esta secção do livro foca-se também, essencialmente, nos constrangimentos do ensino do jornalismo. Os autores questionam-se acerca de que processos de pensamento e práticas devem ser ensinados quando o panorama mediático parece tão incerto.

Palavras-chave: jornalismo; evolução; mudança; digital; ensino.

Embora as temáticas acerca da evolução tecnológica e como a mesma afeta o ensino jornalístico estejam bem focados neste trabalho, os autores mencionam pouco a questão da precariedade dos jornalistas. Hoje em dia, as redações encontram-se em clima de enfraquecimento financeiro, fazendo com que nem sempre disponham dos recursos necessários

para verificar certos dados ou resistir a determinadas pressões que resultam de uma manipulação dos poderes dominantes através de um reflexo social unilateral.

“Perante estes constrangimentos, resta aos jornalistas o grande desafio que encontram hoje pela frente: reinventar processos produtivos de notícias e reinventarem-se a si próprios enquanto profissionais. Para que o jornalismo tenha futuro.” (Lopes, F. 2016)

O início da solução deste problema extremamente complexo poderá passar pela aceitação de que existiu e continua a existir uma inevitável mudança de paradigmas com o aparecimento do digital. Em vez de o foco apontar apenas para o trabalho dos jornalistas como sendo o centro de todo o processo noticioso, deverá haver a integração de um modelo que contemple um intercâmbio dos atores sociais, actantes tecnológicos e dos públicos. Isto é, como estes estão interligados no trabalho noticioso e o impacto desses no ensino jornalístico. Os atores referem-se aos humanos que desempenham funções dentro das empresas jornalísticas (jornalistas, tecnólogos e administração financeira). Os actantes incluem todo o mundo tecnológico não-humano como algoritmos, aplicações, *networks*, interfaces, gestão de conteúdos, etc, enquanto que os públicos se referem ao espectro final de quem recebe o produto feito pelos media, nas suas mais variadas formas (Westlund e Lewis).

Tem-se vindo a assistir a uma transformação complexa no que diz respeito à relação entre as velhas e novas atividades desempenhadas pelos atores sociais e entre o uso de velhos e novos sistemas e ferramentas tecnológicos no uso da produção e distribuição noticiosas. Posto isto, o processo noticioso tem ganho uma relação mais dependente em relação à tecnologia digital e os serviços que dela advêm. Tal como Manuel Pinto e Helena Sousa mencionam no seu livro “*Communication and Citizenship. Rethinking crisis and change*” (2011), houve, também, uma grande difusão da cultura visual. Isto denotou-se, especialmente, na transição da noção de media como maioritariamente texto para media como imagem, impulsionada, mais uma vez, pelo avanço tecnológico.

A proposta apresentada pelos autores, neste capítulo, é a de uma perspetiva mais inclusiva e alargada da forma como entendemos, participamos e ensinamos a temática dos diversificados agentes envolvidos no processo da produção noticiosa contemporânea. Assim, Westlund e Lewis,

propõem o estudo dos 4 A's (atores, actantes, públicos e atividades) e de um esquema chamado *cross-media news work matrix*, um *matrix* que combina os 4 A's anteriormente referidos com as cinco etapas do processo da produção noticiosa, mais especificamente, as quatro primeiras etapas – acesso/observação; seleção/filtragem; processamento/edição e distribuição. O objetivo é olhar para cada uma das quatro etapas referidas e tentar entender as possíveis abordagens a tomar das várias perspetivas dos atores sociais, dos actantes e dos públicos. Esta multiplicidade de opções é importante, real e deve ser ensinada, de forma inclusiva e despretensiosa, aos estudantes de jornalismo. É também essencial que os próprios jornalistas profissionais e professores acompanhem esta evolução ao longo do tempo e que aceitem as diferentes perspetivas que o mundo jornalístico oferece, hoje.

São muitas as possíveis relações entre os agentes informativos em cada etapa da produção mediática. No entanto, há algumas combinações, como demonstra o *cross-media news work matrix*, que resultam melhor, visto que nos encontramos num mundo digital. Ao contrário do que acontece na imprensa tradicional, onde tudo é sistematizado e rotinizado, o jornalismo digital abre portas para a participação ativa no processo mediático tanto dos atores sociais, dos actantes e dos públicos.

A primeira etapa do processo, acesso/informação, refere-se às diversas formas como os agentes obtêm informação noticiosa e observam fenómenos. Os autores apresentam variadas perspetivas, mas talvez a perspetiva da liderança conjunta dos atores sociais com os actantes, que nem é muito falada nesta parte, seja a que faz mais sentido. Esta perspetiva demonstra que é importante que os jornalistas colaborem com os variados actantes tecnológicos, dominando, simultaneamente, técnicas tradicionais de recolha de informação, aliando as mesmas a práticas do mundo tecnológico.

A etapa seguinte é a seleção e filtragem da informação obtida. Embora os jornalistas (liderança dos atores sociais) mantenham rotinas estabelecidas no que diz respeito à decisão do que é notícia ou não (*gatekeepers*), cada vez mais, o conselho de administração e os tecnólogos ganham voz nesta matéria. Todas as perspetivas possíveis são importantes, neste caso. A liderança dos actantes é relevante com recurso às tecnologias que selecionam a informação, como algoritmos, aplicações e tecnologias CMS. Os atores sociais podem também aliar-se aos actantes tecnológicos, na medida em que, através da recolha de informação dos sistemas digitais, selecionam manualmente qual a mais relevante. De uma perspetiva de junção dos actantes com

os públicos, pode-se entender qual a relevância de uma certa temática, observando as preferências da audiência com recurso a métodos de recolha digital desses dados. A perspetiva mais alargada que integra a liderança dos atores, actantes e públicos é a mais correta. Esta última ocorre quando os atores sociais recorrem a ferramentas tecnológicas para filtrar e seleccionar notícias de acordo com dados relevantes dos públicos, que demonstram as suas preferências.

No processamento e edição das notícias, notou-se uma mudança mais profunda se comparada às restantes etapas do processo. Com o aparecimento do digital, foi necessário contratar mais editores para cobrirem as plataformas adicionais. Com a crise, esses editores foram sendo despedidos e, assim, as interfaces de edição digital ganharam relevância (Atex e Escenic). O mais plausível seria aceitar-se a perspetiva que combina as lideranças dos atores sociais que utilizam estes *softwares* de edição. O principal obstáculo encontrado aqui é o facto de estes processos de pensamento não serem, na maior parte dos casos, ensinados aos estudantes de jornalismo.

A quarta etapa é a distribuição das notícias. Esta perspetiva encontra-se numa fase de crescente complexificação na medida em que todos os agentes participam de forma ativa na mesma. As plataformas são imensas, tanto físicas como digitais, e a audiência desempenha um papel fulcral na distribuição do produto criado pelos jornalistas ao partilharem e comentarem o mesmo nos diversos meios. O que falta, talvez, e que não é mencionado nesta secção do livro, é a falta de aceitação, principalmente, dos jornalistas, desta mudança de paradigmas. Talvez seja necessário que isto seja consentido para que se possa, em parte, ultrapassar a precariedade existente nas redações.

Conclusão

O mundo está em constante evolução e na esfera jornalística não é diferente. Em todos os aspetos, assiste-se a mudanças de paradigmas, sobretudo com a explosão do digital, mas também no que toca, por exemplo, à inclusão de género nas redações. Tal como é defendido por Cerqueira C., Magalhães, S., Santos A., Cabecinhas, R. e Nogueira C. em “De outro género: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo”: “é preciso desconstruir o mito da objetividade e neutralidade, promovendo a ideia de que a inclusão de perspetivas críticas de género na produção de conteúdos noticiosos é compatível com os valores jornalísticos e, em última instância, imprescindível para a promoção da igualdade de género, da diversidade e da não discriminação”.

Torna-se claro que as empresas jornalísticas necessitam melhorar a sua configuração de recursos humanos e tecnológicos se querem inovar neste ambiente de turbulência mediática. A inclusão e aceitação de diferentes perspetivas do processo noticioso é essencial. Os futuros jornalistas não podem ser privados desta formação, sendo de extrema importância que tenham acesso a todas as ferramentas para que, no futuro, se integrem da melhor forma possível no mundo de trabalho que os espera.

Bibliografia:

Goodman, R.S. & Steyn, E. (eds.) (2017) Global Journalism Education in the 21st Century: Challenges and Innovations. Austin: University of Texas at Austin. Capítulo 19, Parte 3, p. 409-428.

Cerqueira, C., Magalhães, S.I., Santos, A., Cabecinhas, R., & Nogueira, C. (2014) De outro género: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo. Braga: CECS. P. 15-25.

Lopes, F. (2016) Os jornalistas e os constrangimentos que atormentam a profissão: entre as pressões do mercado e a imposição das fontes de informação. ESTUDOS DE JORNALISMO, n.º 6, v. 1.

Pinto, M. & Sousa, H. (eds.) (2011) Communication and Citizenship, Rethinking Crisis and Change. Coimbra: Gracio Editor. P. 47-56.

Imagem usada na capa:

Dataconomy, Eileen McNulty, "The Digital Future of Media & Journalism" (2015), acessado em:

<http://dataconomy.com/2015/02/the-digital-future-of-media-journalism/>